

---

**PILAR DE GOIÁS,  
SUA CASA  
E SEU BECO\***

---

---

---

**CLARISSA ADJUTO ULHOA\*\*, CRISTIANE LORIZA DANTAS\*\*\*,  
FERNANDA FONSECA CRUVINEL DE OLIVEIRA\*\*\*\***

*Resumo: este trabalho de história oral tem o objetivo de apresentar a dinâmica e o cotidiano das pessoas que viveram na casa de Enxaimel na cidade de Pilar de Goiás. Uma correlação da história da Casa de Enxaimel e do Beco do Jogo foi realizada, tendo como fonte as narrativas dos moradores que vivem em Pilar de Goiás. Esta pesquisa faz parte de um projeto ligado ao IPHAN-GO, denominado “Monitoramento e Salvamento Arqueológico da Restauração e Requalificação da Casa Enxaimel de Pilar de Goiás”.*

Palavras-chave: *Restauração. Patrimônio. Casa de Enxaimel. Beco do Jogo.*

**A** Casa de Enxaimel de Pilar de Goiás é parte do chamado “Conjunto Arquitetônico e Paisagístico de Pilar de Goiás”, patrimônio tombando pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1950. Embora pertença a um

---

\* Recebido em: 15.09.2015. Aprovado em: 30.10.2015.

\*\* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pela UFG. Bacharel em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Professora substituta da Faculdade de História da UFG/Jataí. E-mail: clarissau@gmail.com.

\*\*\* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Goiás). Bacharel em Arqueologia pela PUC/Goiás. Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Arqueóloga e Diretora da Empresa Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente. Professora da PUC/Goiás. E-mail: crisloriza@gmail.com

\*\*\*\* Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/Goiás). Bacharel em Arqueologia pela PUC/Goiás. Arqueóloga e Diretora da Empresa Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente. E-mail: fernandavestigio@gmail.com

conjunto de casas setecentistas de notável importância patrimonial, a Casa de Enxaimel se destaca pela técnica construtiva usada em sua feitura, que pode ser considerada comum na região sul do país. Tem como princípio básico o encaixe de estruturas de madeira que formam uma espécie de quadriculado, o qual será preenchido com materiais como tijolos e taipa (DANTAS; OLIVEIRA, 2014). Em 2015, a casa passou pelo terceiro processo de restauração, sendo que os anteriores ocorreram nos anos de 1982 e 1995. Deste modo, conforme demanda a norma patrimonial do país, além dos procedimentos relacionados ao restauro em si, a área da casa passou por pesquisas de monitoramento e de salvamento arqueológico, às quais se decidiu aliar estudos de história oral. Diante disso, o presente texto pretende demonstrar um pouco sobre a dinâmica da casa e sobre o cotidiano das pessoas que com ela e nela conviveram, a partir dos relatos orais colhidos na pesquisa.

Pilar de Goiás consiste em uma cidade situada na região do médio norte do estado, distante 250 quilômetros da capital, tendo a oeste a cidade de Guarinos, ao sul a cidade de Itapaci e a leste a cidade de Uruaçu. Este centro urbano começou a ser delineado após a descoberta de ouro, no curso de um rio que mais tarde seria chamado de Rio Vermelho. Escravos que haviam escapado do cativeiro teriam sido os responsáveis por primeiramente explorarem o minério naquelas águas. No entanto, estes escravos seriam recapturados e o achado empreendido por eles serviria como ponto de partida para o domínio desta atividade pelo paulista João de Godoy Pinto Silveira e, conseqüentemente, iniciaria o controle do ouro por parte do governo português da época. Sendo assim, a possibilidade de extrair o disputado minério atraiu crescentes números de moradores para Pilar a partir da década de 1740, que somente duas décadas depois receberia a incumbência de julgado e em 1831 seria reconhecida como uma vila (ZANNETTINI, 2014).

Sabe-se que o ouro pilarense se tornou cada dia mais importante para a economia colonial, principalmente na medida em que se deu o gradual esgotamento do mesmo nos centros urbanos do sul do estado. Deste modo, pouco se saberia da história de Pilar de Goiás sem se conhecer o modo como esteve envolvida na dinâmica das regiões mineradoras da então colônia lusa. No entanto, embora se reconheça a importância da abordagem estritamente econômica para se pensar temporalmente a cidade em pauta, optou-se, no âmbito da presente pesquisa, por se dar prioridade aos elementos culturais, cotidianos. Deste modo, procurar-se-á compreender a Casa de Enxaimel inserida nas experiências diárias dos pilarense que com e nela conviveram no decorrer dos anos, ao mesmo tempo em que se abarcarão outros elementos a ela relacionados, tais como o beco adjacente, o qual emergiu a partir das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área.

No entanto, tem-se como pressuposto que a casa e o beco não são agentes históricos isolados em si mesmos, sobretudo no que tange aos símbolos e sentidos em torno deles construídos ao longo do tempo: a casa compõe o beco e o beco compõe a casa! Um exemplo disso se encontra inclusive no modo como muitos mencionam a casa em estilo Enxaimel: “é aquela que fica ao lado do beco”, explicam. Nesse mesmo sentido, além de a casa e o beco se implicarem entre si, estes dois agentes se encontram inseridos em um universo simbólico mais abrangente: o da própria Rua da Cadeia, onde ambos se situam. Entende-se que esta parte do território citadino, ao ser compreendido em suas especificidades, pode revelar aspectos que melhor situam o contexto da casa, para além da privacidade dos seus cômodos. E, para somar e esse panorama, recorrer-se-á a dados sobre a família que tem tradicionalmente ocupado a Casa de Enxaimel: os Gomes Tição.

Para subsidiar a pesquisa, optou-se pelo uso de documentos escritos, iconográficos e orais, os quais serviram como bases fundamentais para o estudo. Parte dos documentos escritos e iconográficos foi encontrada no arquivo pessoal da atual proprietária da casa, enquanto a outra parte foi buscada, sobretudo, no Cartório de Registro Civil de Pilar de Goiás. No que se referem às entrevistas, estas foram colhidas a partir da conversa com alguns dos moradores mais antigos da cidade, escolhidos de acordo com sua abertura para participar deste tipo de estudo e segundo o grau de convivência com a Casa de Enxaimel, com a Rua da Cadeia, com o Beco do Jogo e com a família Gomes Tição. Depois de gravadas e devidamente transcritas, as entrevistas atuaram como o principal recurso documental no âmbito do processo de construção desta narrativa histórica:

Assim, prevaleceu aqui o uso da metodologia da História Oral, mas sem com isso descartar a importância dos demais tipos de fontes, conforme mencionado acima. Mesmo porque, de acordo com o historiador Alessandro Portelli, deve-se considerar que “as fontes escritas e orais não são mutuamente excludentes [já que ambas] têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma ou outra pode preencher” (PORTELLI, 1997, p. 26). Entende-se que o método da História Oral consista em um dos mais adequados quando se quer se aproximar ao máximo dos redutos da experiência dos sujeitos, pois é “uma ciência e arte do indivíduo” (PORTELLI, 1997, p. 15).

#### A RUA DA CADEIA, A CASA DE ENXAIMEL E A FAMÍLIA GOMES TIÇÃO

Pouco provavelmente será possível transitar pela cidade de Pilar de Goiás sem que se recorra, em uma oportunidade ou outra, à chamada Rua da Cadeia. Nos primeiros anos deste centro urbano, quando ainda contava com pouquíssimos moradores, possivelmente era ainda mais improvável evitá-la. No decorrer do tempo, esta rua se delimitou como um dos pontos essenciais do cotidiano pilarense: por onde passaram as principais festas e procissões católicas, por onde seguiram os animais de carga acompanhados por seus donos, por onde passaram os primeiros automóveis, por onde subiam os presos destinados à cadeia, etc. Sua história se confunde com a própria história da cidade, estando, nesse sentido, emoldurada pelas mais remotas casas pilarenses, algumas delas datadas do século XVIII. Em relato de 1836, por ocasião de sua ida ao então arraial, Raimundo da Cunha Mattos escreveu que suas casas eram de um total de 246, dispostas em três ruas e diversas travessas. Poderia ser a Rua da Cadeia uma destas três?

Como tantas outras ruas das antigas províncias setecentistas brasileiras, esta um dia esteve recoberta de pedras que, com seus tamanhos e relevos irregulares, se esparramavam por toda a extensão de seu então curto trajeto: de pouco acima da Cadeia ao entroncamento com a Rua Vira Copos. E, conforme também se repete em outras localidades, conta-se que teriam sido os escravos os responsáveis por assentarem pedra por pedra, os mesmos que lavravam o ouro existente na região. Estas pedras, no entanto, acabaram sendo retiradas, pois, com o passar do tempo, em decorrência do uso de automóveis e da omissão das autoridades sobre o problema, o calçamento se soltou. Diante disso, no início da década de 1980, a prefeitura tentou reformar o calçamento, mas sem muito sucesso, provavelmente devido ao desconhecimento das técnicas adequadas para o assentamento das rochas. Isso contribuiu para que a rua acabasse asfaltada, após ter sido instalado o primeiro sistema de encanamento de água, no ano de 1986.

Embora a rua tenha perdido sua cobertura de outrora, as narrativas surgidas da memória dos pilarenses retomam uma época em que as pedras ainda corriam rua acima. Trata-se do tempo sobre o qual nos conta Dona Antônia, nascida em Pilar de Goiás em 1937. Ela sorri ao se lembrar de quando a rua sequer tinha energia e explica que a saída era usar candeeiros, preenchidos por azeite de mamona. Segundo Dona Antônia, se “socava a mamona, fazia o azeite, depois punha nos candeeiros, eram umas vasilhas de bico; depois fazia os pavios de algodão, punha o azeite e acendia, depois punha nas paredes das casas” (SOUSA, 2014). Seu Justiniano, pilarense nascido em 1949, conta que quase todos os dias passava a pé pela Rua da Cadeia, sobretudo para ir para a escola e para brincar de futebol. Lembra que nesta rua também funcionava alguns botecos (AZEVEDO, 2014). Outra pilarense, Dona Neco, nascida em 1938, fala que consegue se recordar da rua “como se fosse hoje, como se estivesse vendo as casas que tinha ali” (BATISTA, 2014). Ela descreve alguns detalhes:

*A rua ali era assim, só faltam algumas casas que tinha lá e depois foi caindo tudo, né, acabou. Ai hoje tem outras que não são iguais as que tinham, né, porque ali em frente à casa que esta sendo restaurada, tinha uma casa ali, entre a casa do museu e a casa ali da esquina que é da Leila. Pois é, ali tinha uma casa. Uma casa bonita mesmo, ela era histórica também, bonita mesmo. Tinha duas casas, lembro direitinho do jeito delas, porque a gente ia lá muito, né, visitar as donas de lá. Eu lembro dela, a porta, a janela debaixo e a porta da entrada, tinha um corredor. Porque aqui todas as casas antigas tinham um corredor. E sempre era calçado de pedra, dentro da casa. Aquela lá que está sendo restaurada tem, né? Tem pedra ainda? Faz muitos anos que eu não entro lá... Lá embaixo, pra onde é pra baixo da casa da cultura [antiga cadeia] também tinha, todas antigas. E era emendada uma casa com a outra, sabe? A parede de uma casa servia para a outra. Tanto é que todas as casas tinha um cômodo que era muito escuro, sabe, não entrava ventilação nem nada, por causa que eram emendadas. Ai lá onde hoje são casas novas, era tudo casarão antigo (BATISTA, 2014).*

Esta rua também testemunhou a fé dos devotos católicos em festa, além dos animados bailes dançantes ali constantemente realizados. Dentre as festas católicas que por ela subiam, Seu Justiniano cita a Folia dos Santos Reis e a Folia do Divino. Dona Antônia, por sua vez, recorda-se da Festa de Nossa Senhora da Penha, da Festa de Nossa Senhora do Pilar e da Festa de Nossa Senhora das Mercês. Ela conta que os devotos saíam da porta das igrejas, passavam pela Rua da Cadeia e depois retornavam, trajeto que hoje está modificado. Mas as festas religiosas não eram as únicas que movimentavam a rua, pois nela se davam bailes, que, segundo Dona Antônia, sempre aconteciam na casa de seu avô. Ela conta que nestes eventos todos dançavam ao som de sanfona e um dos pratos servidos era bolo de arroz. Dona Neco se recorda destes bailes: “a gente dançava demais, dançava de par, dançava de mulher com mulher, as moças” (BATISTA, 2014).

Era característica da Rua da Cadeia, ainda, o modo como elementos urbanos e elementos rurais ali se misturava. Seu Antônio, nascido em 1933, conta que diversos moradores criavam animais em seus quintais e que a noite, no entroncamento com a Rua Vira Copos, o gado podia ser surpreendido descansando no meio da rua. Bem humorado, ele brinca: “de noite não tinha energia, então a muiézada passava com lamparina, lumiando pra não trupicar em vaca, né, era o gadão deitado no meio da rua (risos)” (TIÇÃO, 2014). Para Seu Antônio, outro hábito de quem morava nesta rua era

ter pedras para amolar ferramentas na porta de casa. Segundo ele, “quase todo mundo tinha um pocinho de água na porta, uma pedra de amolar enxada, foice, porque todo mundo mexia com roça; já fazia o calçamento e deixava o lugar pra pessoa colocar a pedra” (TIÇÃO, 2014). E, ao mesmo tempo em que os moradores atuavam na roça, alguns tinham pequenos comércios, sobretudo de bebidas.

Como o próprio nome de pronto revela, esta rua abrigou por muito tempo a Casa de Câmara e Cadeia de Pilar de Goiás, para onde eram levados todos aqueles que infringiam as normas, naquele tempo ainda ditadas pelas leis portuguesas. Em meados dos setecentos, quando o número de moradores do arraial atingia cerca de cinco mil pessoas, instalou-se neste centro urbano um julgado, por meio do qual se esperava que tais normas fossem colocadas em prática eficientemente. Este processo seria facilitado pela chegada de juízes de paz, orientados a administrarem e a punirem as contendas. Uma das iniciativas tomadas por eles, já em 1762, teria sido o envio de um documento ao rei lusitano Dom José I solicitando que fosse instalada no arraial uma cadeia. Posteriormente à sua construção, a cadeia funcionou bem até anos antes de 1847, data em que o então governador da província queixa-se de que está arruinada devido a alagamentos (ZANNETTINI, 2014). Em 1862, os problemas continuam:

*A cadeia do Pilar contém apenas uma prisão imunda, úmida e subterrânea, a que se dá o nome de enxovia, e ao pavimento superior uma sala desguarnecida, onde trabalha a câmara e funciona o júri. Há cinco anos foi autorizada a sua reconstrução, e se mandou por a disposição da anterioridade policial a quantia de 300 réis que foi entregue e não teve até hoje aplicação. Tendo tanto tempo, sem que nada se fizesse, cassei a autorização que havia para essa despesa, e ordenei a Diretoria de Fazenda que reouvessem a quantia que fora entregue do encarregado da obra (ZANNETTINI, 2014, p. 49).*

Diante disso, apesar das retratadas dificuldades para gerir o financiamento destinado a sua reforma, presume-se que a Casa de Câmara e Cadeia de Pilar de Goiás tenha passado por uma série de mudanças no sentido de readequar sua estrutura diante dos efeitos gerados pelo transcorrer do tempo. Embora não se saiba ao certo, pode-se calcular que tenham possivelmente ocorrido entre o término dos oitocentos e a primeira metade do século seguinte. Para além destes dados, datam do recente ano de 1965 as demais referências encontradas a respeito do prédio (DUBUGRAS, 1965). De acordo com elas, a cadeia do arraial pilarense teria sido construída aproximadamente entre os anos de 1773 e 1778, podendo ser apontada como uma das prováveis menores construções do gênero dentre as existentes no país. Distintamente das demais, ela conta com uma única sala para as audiências e para a câmara, bem como possui somente uma enxovia para a cadeia. Também a sua simplicidade impressiona, além do seu tamanho:

*A cadeia de Pilar, com uma só enxovia, é atingida por um alçapão simples no piso da câmara, guarnecido com dobradiças, ferrolhos e fechaduras. Suas paredes de taipa de pilão medem aproximadamente noventa centímetros de espessura, e são revestidos por pranchões largos de oito a nove centímetros de espessura. O piso é do mesmo material, e o teto compõem-se de um barroamento de 18 x 20 cm sobre o qual acha-se protegido um piso de três e meio centímetros de grosso. A única janela da enxovia tem grade dupla de madeira chapeada com ferro dos dois lados, havendo um reforço do mesmo material no peitoril. Não há fogão e as instalações sanitárias são reduzidas a uma abertura circular no piso num dos*



*cantos. A Casa da Câmara dispõe de uma sala quadrada de 6,40 m de lado, acessível por uma escada externa de madeira, de um só lance com patamar [...]. Não há vestígios de forro, sendo provável que nunca tenha havido. O madeiramento do telhado, aparente, é do tipo caibro armado, típico da região. Duas janelas rasgadas, com balcões de madeira, abrem sobre a rua da Cadeia, tendo já desaparecido o guarda corpo. Não há alizares na face de dentro. Cada janela tem duas folhas de madeira, de construção em calha, sustentadas por lemes e guarnecidas com trancas sem fechaduras (DUBUGRAS, 1965, p. 63-4).*

No primeiro documento constitucional brasileiro pós-independência, datado de 1824, passa a constar em lei as qualidades necessárias para o funcionamento de uma cadeia no país. De acordo com o artigo 21, todas elas deveriam ser seguras, limpas e arejadas, além de terem que contar com diversas casas para que os réus fossem separados conforme suas circunstâncias e os crimes cometidos. Diante disso, pode-se constatar que a Casa de Câmara e Cadeia de Pilar de Goiás não seguia o protocolo exigido por lei. Inclusive, um relatório oficial datado de 1868 demonstra o panorama das cadeias brasileiras, com o intento de apontar quais estavam funcionando adequadamente: segundo os dados levantados, na província de Goiás a única cadeia que apresentava qualidades mínimas será a da então capital (SOUZA, 2010). Diante disso, pode-se constatar que a salubridade e a segurança das cadeias não consistiam em prioridade na pauta dos arraiais goianos oitocentistas, o que permitiu que se ocorressem fugas no arraial de Pilar.

Erigir uma cadeia consiste em um ato pensado no intuito de estabelecer o controle sobre determinada sociedade. Por esse motivo, estes espaços podem ser entendidos como símbolos por excelência do poder coercitivo do Estado que, a princípio, neste contexto, está representado pela metrópole portuguesa. Geralmente ocupavam os cargos mais importantes aqueles que detinham de posses e possuíam prestígio social. Enquanto isso, aos indígenas, aos escravos, aos pobres, dentre outros, tradicionalmente relegou-se o status de criminosos em potencial. Contendas advindas das disputas de território entre indígenas e colonos, das fugas de escravos das casas de seus supostos proprietários, bem como do não pagamento de uma dívida, eram motivos recorrentes para o cárcere em Pilar. Inclusive, em uma carta escrita por Dom José I, em 1861, índios aparecem como um dos maiores motivos de temor. Chamando-os de bárbaros, o rei escreve ao governador:

*Pedindo ao mesmo tempo uma providência eficaz para serem castigados aqueles bárbaros, e dos assassinatos que continuamente se estão praticando nessa Capitania pela dificuldade do castigo, e pouca segurança das cadeias das quais pelo decurso do tempo fogem os presos de modo ordinário [...]. Que logo procureis que se edifiquem cadeias seguras, e tão sólidas que delas não possam fugir os criminosos (VIEIRA JUNIOR, 2011, p. 06).*

Imediatamente ao lado da cadeia se encontra outra casa datada dos setecentos, mais precisamente do ano de 1741, motivo pelo qual alguns a chamam de Casa Setecentista. Já outros a denominam como Casa da Princesa, devido a uma das narrativas locais que conta que uma princesa teria dormido uma única noite em um de seus aposentos. Finalmente, recebe também o nome de Casa de Rótulas, em referência ao estilo arquitetônico escolhido por quem a projetou, sobretudo, em referência à especificidade de suas janelas. Dá-se o nome de rótulas, o elemento de preenchimento das esquadrias

das janelas por treliças de madeira, proporcionando maior circulação de ar e maior privacidade ao interior da casa. Estas janelas são consideradas herança da arquitetura muçulmana, que influenciou a arquitetura portuguesa devido aos seis séculos de permanência dos árabes em território lusitano. Deste modo, também a arquitetura colonial brasileira absorveu algumas destas referências.

Devido às suas treliças, as janelas de rótulas podem ser entendidas como mecanismos que favoreceram o conforto térmico das casas coloniais, pois, mesmo estando aparentemente fechadas, permitem que o ar circule em seu interior. Inclusive, alguns moradores da cidade relatam que duas outras casas com janelas de rótulas existiram em Pilar de Goiás, mas, com o tempo, acabaram descaracterizadas. Uma delas, apesar de não ter resguardado a fachada original, ainda se situa em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Diante, portanto, deste número pequeno de casas construídas com janelas de rótulas, pode-se presumir que se tratavam de construções complexas e provavelmente dispendiosas para a época, sendo acessíveis apenas às famílias abastadas. Quem sugere isso em um dos seus textos é a poetisa Cora Coralina, ao se referir às casas de rótulas que conheceu na Cidade de Goiás. Ela explica que “antigamente, as boas casas de Goiás tinham janelas de rótulas [...]”(CORALINA, 2006, p. 21).

Cora Coralina também revela uma segunda utilidade para as janelas de rótulas no seio da sociedade goiana da época. Para além do conforto térmico, as janelas de rótulas permitem que as pessoas que se encontram dentro da casa possam assistir ao que se passa na rua, sem que as pessoas que se encontram do lado de fora consigam enxergar quem está no interior da casa. De acordo com ela, esta particularidade servia como mecanismo de reclusão das mulheres, em um tempo em que a elas eram reservados apenas os espaços domésticos, tendo poucos momentos destinados ao convívio público. Segundo a poetisa, as casas de rótulas sobreviveram por mais de dois séculos em Goiás e podem ser consideradas “o documentário mais expressivo da segregação da fêmea dentro da casa senhoria” (CORALINA, 2006, p. 21). Cora Coralina conta, ainda, que eram dispostas almofadas nas proximidades das janelas para que “as mulheres, mais comodamente, pudessem estar à rótula” (CORALINA, 2006, p. 21). Ela relata detalhadamente:

*As de Goiás eram chamadas de rótulas de tabuleta, de tabuinhas, de colocação horizontal, grampeadas num pino vertical, móvel, com trincos e tramelinhas laterais, para abrir e fechar a vontade. As paredes onde se encaixavam essas janelas eram de notável espessura como ainda se vê em tantas casas [...]. Movendo trincos, pinos e tramelinhas era que a gente de casa via o pequeno mundo da cidade e tomava conhecimento de seus moradores. No meu tempo de menina pouco se usava a palavra rótula, só as pessoas mais antigas. Dizíamos ‘tabuleta’ – estar na tabuleta já sabia estar alguém por dentro, olhando sem ser vista, hábito que perdurou em Goiás até o começo deste século [...]. A observação mais fina e valiosa era de noite, com a cidade escura ou enluarada e adormecida (CORALINA, 2006, p. 21).*

Pouco se sabe a respeito da história da Casa de Rótulas que perdurou em Pilar de Goiás. Segundo relatos orais, a casa teria levado entre oito e dez anos para ser construída, o que ocorreu a mando do imperador português Dom Pedro III, que tinha o intuito de nela hospedar as suas comitivas. No forro de madeira do primeiro cômodo da casa, pode-se notar uma pintura, que se divide em quatro cenas, nas quais personagens da nobreza europeia, encimados por suas perucas brancas, aparecem em

momentos cotidianos da corte, cercados pela natureza e por instrumentos musicais. De acordo com a oralidade, uma das casas da família real lusitana, situada em Portugal, contém em seu teto uma pintura idêntica à da casa de Pilar. Mas existe um detalhe: comenta-se que a pintura portuguesa seria mais recente do que a pintura da Casa de Rótulas! Diante destes relatos, torna-se evidente o modo como esta casa está marcada no imaginário dos pilarenses.

Rua coberta de pedras, testemunho de festas religiosas e bailes dançantes, bem como palco das grades do poder coercitivo português e da reclusão das moças por detrás das treliças; rua em que transitaram pessoas e repousaram animais, onde coisas do comércio e coisas da roça se misturaram, ao longo da qual os candeeiros acendiam o caminho...É neste cenário, compondo e sendo composta por ele, que se encontra, desde os setecentos, a casa que recebeu a alcunha de Casa de Enxaimel. Está situada no entroncamento entre a Rua da Cadeia e a Rua Vira Copos, tendo sua fachada com olhos para a Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Conta-se que teria sido uma das primeiras casas a ser construída na província, muito embora não se saiba precisamente o ano em que isso ocorreu, tendo sempre funcionado como moradia. Destaca-se dentre os demais casarios coloniais por seu quadriculado particular, bem como pelo teto de sua sala, que exibia pinturas delineadas no forro. Dona Necy recorda:

*Aquela sala da frente, que é forrada, tem uns desenhos bonitos. Na primeira porta, assim, que entra pro corredor, ao lado esquerdo, era uma sala bonita, né, ela era toda forrada, assim, e tinha aqueles desenhos de... Era quase igual aos do museu... Era bem feito, assim, não é esses forros que eles fazem hoje não, sabe? Era aqueles acompanhando o jeito do telhado e tudo tinha separação, assim. Muito bonito lá. Eu não sei se é... Tinha casa aqui que era com esse telhado, eles colocavam flor, fazia cada flor linda. Muito antigo, pintado na madeira. Ai a gente passa, né, entra na sala. Essa casa era bonita, o repartimento. Tinha essa sala, mais na frente do corredor mesmo tinha um quarto, que ficava atrás dessa sala, e de lá, do outro lado, tinha outro quarto. Os quartos de assoalho e o corredor era de pedra (BATISTA, 2014).*

Conforme pode ser atestado pela escritura, datada de 1981, o casario setecentista pertence ao casal Dona Antônia e Seu Sebastião (falecido em 2013), que moraram na propriedade durante quase quarenta anos, tendo sido nesta casa que seus nove filhos cresceram e onde alguns deles permaneceram morando com a mãe. Dona Antônia explica que esta é uma “casa de família”, sugerindo que a casa sempre pertenceu a algum parente seu. Foi seu avô quem assinou a escritura a passando para seu nome, na época em que ela saiu da roça para ir morar na cidade, mas antes dela outros parentes a ocuparam. Em outro período, a casa foi alugada para pessoas que não eram de Pilar de Goiás e que estavam em estadia passageira. Sendo assim, com o passar dos anos e com os distintos moradores, a casa passou por mudanças no âmbito de sua estrutura. Dona Antônia lembra que “aquela casa ainda era mais embaixo, tinha mais três cômodos ali pra baixo” (SOUSA, 2014).

De acordo com o relato por Dona Antônia, um dos espaços mais importantes da casa era certamente o quintal, que, como em muitos outros casarios pilarenses, apresenta-se com uma área consideravelmente ampla. Ela relembra e narra sobre o tempo em que possuía ali uma horta, na qual podiam ser colhidos gêneros como abóbora, quiabo, cebola, alho, etc., destinados para o consumo da família. Ela conta, ainda, que



havia uma cozinha, um pequeno curral e muitos pés de jabuticaba, que, além de fornecerem a fruta, deixavam o quintal com bastante sombra. E era debaixo destas sombras que seus filhos brincavam durante a infância, sendo seus brinquedos quase sempre elaborados por eles mesmos. Dona Antônia recorda que as crianças construía carrinhos com sabugo de milho, por exemplo, além de formarem campos para brincarem de bola. Tratava-se de um espaço das atividades domésticas, mas também das brincadeiras infantis. Seu Antônio relembra:

*Lá o quintal é cumprido. Era onde a meninada ia brincar de correr de cavalo de pau lá dentro. Aquela turmona de menino brincando de cavalo de pau. Ia até lá embaixo, vinha, ia lá embaixo, vinha. Brinquedo era isso. Porque hoje mudou, hoje é carrinho, essas coisas modernas. Naquele tempo pra você brincar de carrinho tinha que ir no mato, pegar roda de lobeira, fruta lobeira, furava, punha eixo, pra menino brincar, porque não tinha (TIÇÃO, 2014).*

Levanta-se a hipótese de que um português chamado Francisco Gomes Tissão, natural da cidade lusa de Ponte de Lima, teria sido o responsável por mandar construir a Casa de Enxaimel quando se mudou para a antiga província de Pilar de Goiás (INSTITUTO..., 2013). Muito embora não se saiba quando isso ocorreu exatamente, pode-se presumir que tenha sido próximo ao ano de 1752, data em que ele se casou, em estabelecimento pilarense, com Eufrasia Maria Xavier Pissarro (LEME, 2003). É provável que Francisco tenha escolhido esta província devido à atividade mineradora, como tantas outras pessoas que ali chegaram à época. Pelo menos este teria sido o motivo que levou a sua esposa, acompanhada pelos pais, a santista Francisca Xavier e o português Francisco Xavier Pissarro, a morar na província, onde se conheceriam. Sabe-se que o pai de Eufrásia possuía muitos escravos destinados à retirada do ouro, tendo sido coronel da infantaria e cavalaria de Pilar de Goiás (LEME, 2003).

Francisco, Eufrásia e os pais dela teriam sido, portanto, os primeiros antepassados dos atuais moradores da casa a se estabelecerem na cidade. Sendo assim, da primeira metade dos setecentos em diante, o sobrenome Gomes Tissão passaria a ser perpetuado na assinatura dos descendentes do casal, bem como marcaria a história como uma das influentes famílias de Pilar de Goiás. Caso considerarmos que Francisco e Eufrásia tiveram seu primogênito(a) pouco depois do ano em que se casaram, seu nascimento teria sido entre os anos de 1750 e 1760. Entretanto, até o presente momento, nada se sabe a respeito das gerações imediatamente seguintes. Data apenas do ano de 1867 o nascimento do próximo representante conhecido, o bisavô de Dona Antônia, Antônio Gomes Tição. Natural da antiga província, ele se casou com a também pilarense Rita Caetana Linhares, com quem teve cinco filhos. Dentre eles se encontra o avô de Dona Antônia, Vicente Gomes Tição, aquele de quem ela ganhou a Casa de Enxaimel.

De acordo com os relatos dos parentes, o bisavô teria adquirido o sustento por meio de atividades ligadas à lavoura, o que provavelmente indica que a atividade mineradora, caso tenha sido mesmo a prioridade de seus antepassados, aos poucos deixou de estar presente no cotidiano da família. É também conhecido por ser alguém que possuía bons imóveis na cidade, incluindo a Casa de Enxaimel. Segundo os autos de casamento registrados em cartório, era frequentemente convidado para ser padrinho e/ou testemunha nas cerimônias desta natureza, o que pode indicar que possuía uma extensa rede de

relacionamentos, além de, quem sabe, demonstrar que era considerado um membro de prestígio no seio da mesma. Como exemplo, pode-se citar que apenas no ano de 1895 assinou como testemunha em cinco casamentos distintos, nenhum deles de pessoas com o mesmo sobrenome que o seu. Dona Nery e Seu Antônio, ao recordarem do convívio com este senhor durante a infância, contam:

*Dona Nery: Ele era um senhor, assim, não era muito alto não, uma altura boa. E claro, bem claro. Ele era daqui mesmo. E aí ele tinha a irmã dele que... Mariana Gomes, que é mãe desse Joviano do Carmo, né, que foi prefeito aqui. Quando eu casei, ele já tinha morrido, não sei quantos anos ele tinha não. Eu casei em 55 e já tinha bem uns anos que ele tinha morrido. Eu era criancinha e ele já era um senhor bem de idade, já estava, assim, vacilando (BATISTA, 2014).*

*Seu Antônio: O velho Totó era pai do velho Vicente. Eu lembro que ele era uma pessoa, assim, acomodado, né. A vida dele era mexer com essas questões dele. Ele pegava, ele ia pro mato, pegava capim meloso, amarrava lá nos paus pros bezerros comerem, outra hora ele ia nos coqueiros mais baixos, cortava folha de coqueiro, amarrava lá. Ele ia com aquele negócio de alicate, tirava os espinhos tudo pra bezerro não machucar a boca. Eu lembro disso eu era menino, de ficar lá com ele. Tinha dia que mamãe prometia me bater aqui, porque mãe batia mesmo, e eu corria pra ficar lá com ele. Ficava até tarde da noite, aí papai ia lá me buscar (risos). Ele tinha essas amizades dele, né, então lá vivia cheio direto (TIÇÃO, 2014).*

Tal como o bisavô, o avô de Dona Antônia trabalhou na lavoura, tendo mais tarde, no entanto, adquirido o prestigioso cargo de juiz distrital de Pilar de Goiás, no qual, de acordo com registros do cartório, atuou entre pelo menos os anos de 1917 e 1925. Ele nasceu em 1893 e casou-se em 1911 com a pilarense Antônia Emerciano de Andrade, com quem teve cinco filhos, incluindo a mãe de Dona Antônia, Ana Gomes Tição. Vicente também era conhecido pelos imóveis que possuía. De acordo com relatos orais, ele inclusive chegou a comprar de seu sogro a Casa de Rótulas, onde morou por um período, tendo depois vendido a mesma para o ex-governador de Goiás, Jerônimo Coimbra Bueno. Feito isso, ele adquiriu e morou até o dia de sua morte em uma terceira casa da rua que conta-se ter sido construída nos setecentos. Trata-se da casa que um dia esteve situada em frente à Casa de Rótulas, mas que acabou destruída com o tempo. Dona Nery narra o que recorda sobre este senhor e sua esposa:

*Eu lembro dele. Esse aí faleceu faz pouco anos, ué. Nos anos oitenta, parece. A dona dele faleceu antes dele. Chamava Antônia. Eu lembro dela demais também. Ela era uma mulher alta, simpática, mulherão, altona. O cabelo dela era grande, aqueles cabelos pesados, sabe?! Ela era boa demais essa mulher, a gente ia muito lá, porque aqui era quase que... Pode dizer que é uma família só, os pais da gente era amigo deles tudo, compadre, né. Esse Vicente Gomes mesmo era compadre do meu pai. Ele também era um senhor forte. O Nery Batista, que é neto dele, parece com ele. Só porque Vicente Gomes era alto, bem alto. E Nery não é baixo, mas não é daqueles... Então ele era, o rosto, assim, a fisionomia dele era do Nery Batista. Só que ele usava barba, né, os homens antigamente não gostavam de ficar com o rosto limpo assim não. Era barba e bigode (risos) (BATISTA, 2014).*

No decorrer do tempo, outras duas casas da Rua da Cadeia acabaram sendo adquiridas por membros desta família: a que se situa ao lado esquerdo da Casa de Enxaimel e a que se encontra logo a frente da mesma. Desta maneira, chegou um momento em que a rua havia sido praticamente toda ela ocupada por pessoas que carregavam o mesmo sobrenome e atuaria como palco de experiências que, apesar de serem a princípio privadas, extrapolavam o interior das casas. Pode-se interpretar que esta rua era acionada como uma espécie de território integrante das moradias dos Gomes Tição, por onde transitavam para chegar até a casa deste ou daquele parente, por onde circulavam com considerável intimidade. Exemplos disto se encontram nos álbuns da família: muitas fotos foram tiradas tendo esta rua como cenário! Estes e outros motivos contribuíram para que a Rua da Cadeia tivesse seu nome oficial e temporariamente mudado para Rua Gomes, o que se apresenta como algo bastante revelador.

*Daquele lado de cá, onde mora uma cunhada minha, era minha tia, do lado esquerdo da casa [de Enxaimel]. Do lado de lá era tio meu. E do outro lado era o Bilela, que é o marido da Eva, que é viúva de um parente nosso, primo segundo. Ai é tudo aparentado. A Kênia é aparentada, ela é prima do meu pai. Lá mais embaixo tem o Pedrinho, que o avô dele era primo também do meu pai. Lá mais embaixo tinha um primo da minha mãe. Essa rua aqui quase toda, desse lado aqui todo mundo era parente, até lá embaixo (SOUSA, 2014).*

Rua que se acredita ter sido escolhida pelo português Francisco Gomes Tição, na qual ele teria mandado construir a Casa de Enxaimel, propriedade que permaneceria em sua família no decorrer de gerações; rua em que seus descendentes transitaram a caminho das atividades cotidianas, na qual pousaram para as lentes de máquinas fotográficas, por onde as crianças atravessavam para ir brincar no quintal dos tios; rua em que algumas casas foram adquiridas e outras passadas para novos donos, nas quais nascimentos e mortes se transcorreram. Nela, conjectura-se que tenham morado sujeitos influentes no seio da sociedade pilarense, desde proprietários de terras, até detentores de importantes cargos jurídicos, o que pode ser corroborado pela imponência de seu casario, provavelmente acessível somente a quem possuía bens. Para os pobres, como os descendentes de escravos, por exemplo, pode ser que tenham restado as ruas afastadas. É o que narra Seu Malaquias, ao contar de um feiticeiro:

*Naquela quadra, então, quando tudo crescia na cidade, tinha ali uma rua afastada do centro. Era escura, esquisita e deixava todo mundo pensativo sobre seus moradores. Ali viviam os tais Manganos. Era o feiticeiro poderoso, respeitado e considerado como gente de outro mundo: eles contam com poder mágico, que desafiava o céu, a terra, o ar, até o sol, pra dizer a verdade, porque a hora que eles queria, até o próprio sol se escondia, parece com medo deles. Diz que eram da África. Vinhero dela, envolvido na fumaça do banzo e da malquerença que sufocava eles, porque de lá chegaro seus antepassados feito escravo (LIMA, 1999, p. 111-2).*

No entanto, tendo como base a centralidade, a acessibilidade e a importância que esta rua assumiu ao longo do tempo no âmbito da estrutura urbana e da história de Pilar de Goiás, torna-se evidente que tenha servido de passagem para representantes de grupos sociais diversos: desde o coronel da infantaria até o escravo destinado à extração do ouro, desde o juiz distrital até o pobre acusado de algum crime e mandado à cadeia.

Sendo assim, esta rua atuou como palco não apenas do cotidiano cultural e familiar de alguns poucos moradores, mas, sobretudo, como um espaço de trânsito tomado por sujeitos pertencentes a distintos grupos sociais, em um contato perpassado pelas relações de poder próprias da herança colonialista. Sabe-se que este trânsito ocorria por motivos diversos: tanto para se cumprir atividades do dia a dia, quanto para participar daquelas que irrompiam o cotidiano. Mas um dos importantes motivos provavelmente estava relacionado ao uso de um beco que ali existia.



Figura 1: Rua da Cadeia, 1965  
Fonte: Dubugras (1965).



Figura 2: Rua da Cadeia, atual  
Fonte: Arquivo da Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente



Figura 3: Casa de Enxaimel, 1965  
Fonte: Dubugras (1965)



Figura 4: Casa de Enxaimel em restauração  
Fonte: Arquivo da Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente.



## O BECO DO JOGO, O RIO VERMELHO E O COTIDIANO PILARENSE

Para um observador desavisado, que despreziosamente mira a casa em estilo Enxaimel, somente o que está evidente pode ser perscrutado. No entanto, as pesquisas arqueológicas revelaram que, para além da fachada, com seu quadriculado tradicional, existiu ali, margeando a parede direita da casa, uma passagem que outrora era bastante usada pelos moradores de Pilar de Goiás. Mas não consiste em uma simples passagem. Trata-se de um beco, possivelmente calçado por pedras em boa parte de sua extensão, responsável por permitir que de pronto se saísse da Rua da Cadeia em direção ao Rio Vermelho. É sabido que o trânsito no beco ocorria com frequência, pois, para além da mineração de praxe, o rio também atraía pilarense interessados em outros tipos de atividades. Por esse e outros motivos, acredita-se que o beco pode revelar, em uma perspectiva histórica, as formas de sociabilidade ali construídas, dando a entrever aspectos do cotidiano e das histórias de vida dos seus transeuntes.

“Estou em um beco sem saída” e “vá pegar o beco” consistem em dois exemplos de expressões consideravelmente presentes nos diálogos e no cotidiano dos goianos, sobretudo no universo dos falares tradicionais. No caso da primeira expressão, trata-se de uma forma de o interlocutor mostrar que está em uma situação complicada, pois parece não existir solução para determinado problema. Já no caso da segunda, trata-se de uma maneira de pedir a alguém que se retire, em alguns casos por motivos de conflito, embora também possa ser usada em primeira pessoa por quem está anunciando que irá embora: “vou pegar o beco”. Diante destes usos, portanto, torna-se possível constatar que os becos marcam sua presença no imaginário daqueles que convivem em Goiás, o que revela sua importância no âmbito da dinâmica cidadina. São lugares, pois, prenhes de significados!

De acordo com o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, beco é uma “rua estreita e curta, geralmente fechada num extremo” (FERREIRA, 2010, p. 297), enquanto o Dicionário de Usos do Português do Brasil acrescenta: “caminho que se interrompe em canto” (BORBA, 2002, p. 199). Em busca de entender o beco como um importante agente no âmbito do cenário urbano, Sandra Jatáhy Pesavento explica que:

*Beco, na sua acepção usual, é uma rua estreita e curta, geralmente fechada num extremo [...]; seriam tanto as ruas estreitas e curtas, de designação genérica, quanto [...] lugares difíceis e causadores de problemas a quem neles se aventurasse (PESAVENTO, 1999, p. 05).*

Ela complementa mostrando que no contexto de Porto Alegre, com a influência do discurso da modernidade, “os becos eram o espaço da contraordem” (PESAVENTO, 1999, p. 05). Segundo a historiadora,

*Símbolos do atraso, os becos seriam alvo de um discurso ao mesmo tempo técnico, higienista, estético e moralista que visava varrer os pobres do centro da cidade e que passa a se veicular com força após a República, na última década do século. Sem ser necessariamente uma viela ou rua sem saída, o beco é altamente pejorativo, como palavra que designa um lugar. Enquanto visual, é uma rua pequena e estreita, pelo que pode receber também a designação de “travessa”. Mas a “travessa” não comporta a carga pejorativa do beco. A palavra beco abarca sentidos mais amplos do que a rua de dimensões reduzidas [...]. Tais espaços, definidos como tortos, estreitos, mal calçados, irregulares, enlameados e mal iluminados, compor-*

tavam edificações também qualificadas por uma linguagem de estigmatização que abarcava a “alteridade condenada”, tendo em vista as suas utilizações. Seus estabelecimentos típicos eram designados por “espeluncas, bodegas e bordéis”, com funções bem delimitadas, além daqueles outros que compunham as habitações dos moradores pobres da cidade [...] (PESAVENTO, 1999, p. 05).

Mas é, sobretudo, no cenário da literatura nacional, especialmente da poesia, que os becos recebem destaque. Dentre os literatos que lançaram seu olhar sobre ele está o poeta Manuel Bandeira, considerado um dos representantes do movimento modernista brasileiro de 1922. No início dos anos 1960, ele lançou a obra *Antologia Poética*, na qual se pode ler o Poema do Beco: “*Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte? – O que eu vejo é o beco*” (BANDEIRA, 1937, p. 187). Por meio dessas palavras, Bandeira convida seus leitores a reposicionarem seus olhares, deixando de lado as belezas evidentes, para enxergar aquelas que se encontram encobertas. Também a poetiza Cora Coralina escreve sobre os becos, mas, como em quase toda sua obra, a autora escreve sobre a realidade particular da Cidade de Goiás, capital goiana de outrora. Esta antiga província, igualmente influenciada, em um dado momento, pelo discurso da modernidade, teve seus becos narrados pela poetiza como “espaço da contraordem”:

*Conto a estória dos becos / Dos becos da minha terra, / Suspeitos... mal afamados  
Onde família de conceito não passava. / “Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara.  
De gente do pote d’água. / De gente de pé no chão / Becos de mulheres da vida.  
Renegadas, confinadas / Na sombra triste do beco. / Quarto de porta e janela.  
Prostituta anemiada, / Solitária, héctica, engalicada, / Tossindo, escarrando sangue  
Na umidade suja do beco* (CORALINA, 2001, p. 93-4).

Já o beco pilarense, remontado pelas narrativas de seus usuários do passado, não aparece como um território de pessoas suspeitas e renegadas ou como um local triste e de má fama. Provavelmente porque este não era um beco de moradia, mas um beco de passagem apenas: não há casas construídas ao longo de seu percurso e, portanto, não havia moradores instalados ali, apenas um par de muros de pedra emoldurando seu caminho. Somente em seu início este beco conta com duas casas, uma de cada lado, como que marcando a conexão do mesmo com a cidade, mas ambas apresentam suas portas de entrada para a Rua da Cadeia. Sendo assim, pode ser que este beco se insira no cotidiano dos moradores de Pilar de modo distinto de outras cidades do país, pois em muitas delas os becos consistem em territórios de mendigos, prostitutas e doentes, motivo pelo qual se tornam alvo dos discursos como o moralista e o higienista. Nem mesmo namoro às escondidas aparece nos relatos sobre o beco de Pilar:

*Clarissa: A senhora lembra, assim, deste beco ser um lugar bom pra esconder, por exemplo, brincar de esconder ou namorar escondido?*

*Dona Neco: Não, nesse tempo aqui as moças não namoravam assim não (risos). Namorava era em casa (risos). Na sala lá e o pai tá lá olhando (risos). Não tinha não, nem uma moça da minha idade, eu não lembro. Namorava era em casa, né. Os rapazes iam... Assim mesmo, morava aqui dentro da cidade, mas só via de oito em oito dias. O povo era sistemático, né. Não gostavam, os pais eram muito rígidos* (BATISTA, 2014).

Beco do Jogo, Beco do Bola ou Beco do Jogo de Bola. Foram estes os três nomes usados pelos moradores da cidade para chamar este beco que saía e ainda sai da Rua da Cadeia. Muito embora não se saiba ao certo a origem dos nomes, presume-se que estejam relacionados às brincadeiras que envolvem bola, sobretudo ao futebol, a respeito do qual muitos se referem genericamente: “estava jogando bola”. Seu Justiniano se recorda que quando era criança descia o beco até um ponto onde havia pés de lima, pois ele e seus amigos não tinham bola e por isso usavam esta fruta como substituta do brinquedo. Ele explica: “trazia muitas, né, porque se arrebetasse jogava fora e pegava outra” (AZEVEDO, 2014). Sendo assim, o possível uso recorrente da lima para esta finalidade, bem como o grande número de pés desta fruta beco abaixo, podem ter sido motivos para que fosse assim chamado. Pode-se considerar que obeco era acessado pelas para ocasiões recreativas diversas.

Tal como se pode entrever, outro entretenimento bastante comum era descer o beco para colher frutas, tanto no quintal da Casa de Enxaimel, quanto em uma área logo abaixo da mesma. De acordo com Dona Necy, no tempo em que o bisavô de Dona Antônia ainda era o proprietário da casa, ele permitia que as pessoas da cidade entrassem em seu quintal para colher frutas. Ela relembra: “era um pomar, antigamente aqui o pessoal fazia, né, aí lá tinha pé de laranja, lima, mexerica, tinha bananeira, tinha abacate, tinha jaqueira, dava aquelas jacas, duas qualidades de jacas, era grande, ia até mais embaixo” (BATISTA, 2014). Já Dona Antônia se recorda de uma área que se situava abaixo de seu quintal, onde atualmente existem casas construídas, o que incorreu na derrubada de muitas árvores que ali existiam. Ela se lembra que podia ser encontrada “muita jabuticabeira, tinha limeira, tinha laranjeira, abacateiro, canavial” (SOUSA, 2014). Existia, portanto, grande quantia de frutas perto do beco, além das mangueiras das quais se recorda Dona Necy:

*Nos anos 48, 49, 50... Nesses anos a gente estudava, era tudo tempo de mocinha, tinha algumas mangueiras lá, não sei se ainda tem essas mangueiras... A gente ia apanhava manga demais, a gente quando é menino a gente gosta, né, de ficar comendo estas bestagens (risos). Ia turma de moça pra lá pra chupar manga, era aquele sombrio bom mesmo. Hoje não tem nem jeito mais, porque tá tudo povoado* (BATISTA, 2014).

Embora o hábito de colher frutas estivesse bastante presente no cotidiano dos pilarenses, atividade que parecia reunir tanto garotos empenhados em brincar de futebol com bolas de lima, quanto moças interessadas em chupar manga enquanto descansavam sob a sombra de mangueiras, acredita-se que o principal motivador da descida pelo beco era para se alcançar o Rio Vermelho. Era exatamente à margem deste rio que o beco terminava o seu trajeto, indicando sua importância no âmbito do leque das possibilidades motivadoras de seu uso no decorrer do tempo. Sabe-se que este curso d'água possui papel central na história de Pilar de Goiás, pois em sua bacia foram encontrados, nos setecentos, os primeiros sinais de ouro, os quais motivariam o início e o posterior crescimento deste centro urbano. Mas, para além da atividade mineradora em si, algumas outras estiveram intimamente ligadas ao Rio Vermelho, tais como os atos de lavar roupas e de tomar banho em suas águas.

Lavar roupas consistia em um dos encargos das mulheres pilarenses. Nos dias em que a quantidade de roupas sujas era muito grande, saíam de casa no início da manhã em direção ao rio, para que, deste modo, tudo estivesse pronto antes de escurecer.

Essa atividade acontecia sempre em grupo, pois se considerava perigosa a ida ao rio desacompanhada, sobretudo, no caso das mulheres mais jovens, as quais geralmente se encontravam na companhia da mãe, conforme nos explica Dona Antônia. Nas ocasiões em que o trabalho ocupava os dois períodos do dia, Dona Necy relembra que as mulheres se organizavam para que alguém permanecesse em casa, com a incumbência de preparar o almoço e levar comida para as demais, o que demonstra um interessante princípio de comunidade. Para além da proximidade e da disponibilidade de água, o Rio Vermelho era usado constantemente por apresentar pedras que serviam como apoio para a lavagem de roupas. Em distintas perspectivas, eis alguns relatos:

*Dona Antônia: Aqui não tinha água encanada, né, nós buscava água lá naquele chafariz lá de cima, perto da igreja. Lá era pra buscar pra lavar vasilha e fazer comida, né, e lá no rio era pra lavar roupa. Lavava e enxugava tudo lá, quando vinha já vinha com as roupas... Lá ficava assim de gente (risos), ficava cheio de gente. Tinha os dias certos, né, de lavar. Era a semana toda, de segunda a sábado, cada dia ia uma turma, né. Porque só tinha esse lugar lá pra lavar roupa. Eu ia, lavava muita roupa lá, ia a turma, lá não ia sozinha não, porque lá tinha mato, né, lá no meio do mato. Já era o costume. Eu era mocinha, tinha uns quinze anos ou menos. Ia as mulheres mais velhas pra tomar conta das mais novas, porque os pais aqui antigamente eram rígidos, eles não deixavam... [...]. Era um lugar pra nós divertir era, né, porque aí encontrava as colegas, né, de escola, encontrava lá pra lavar roupa, pra pegar goiaba, pegar jambo. Nós ia cedo, de manhazinha, passava o dia todinho lá. Os mais velhos ficavam em casa, fazia comida e levava pra nós. Era roupa pra caramba e era tudo aqui, tudo na mão. Tinha muita pedra, tinha aquelas pedronas (SOUSA, 2014).*

*Dona Necy: Descia o beco pra ir lavar roupa, numa... A gente falava praia do jogo, lá é uma praia, só pedra. Não é praia, não é rio não, é o modo de nós aqui falar, é um corguinho que desce aí, vem lá da cachoeira, é o Rio Vermelho. Então naquela época não tinha água encanada em casa, todo mundo lavava roupa nesse... Era lá, tinha a praia do jogo e a praia da limeira lá em cima, que a gente lavava roupa era lá [...]. Eu lembro, lembro demais da praia do jogo. Ia com minha mãe, depois de moça eu ia só, lavava roupa lá. Muitas pessoas, né, as mulheres tudo ia pra lá, toda dona de casa lavava roupa era lá. Aí passava aí nesse beco, a gente subia e virava ali nesse beco, aí descia [...]. Quando era muita roupa, muitas iam cedo, oito horas. Aí ficava gente em casa, fazia comida e levava, né, pra gente. Outra hora aquelas senhoras que já não aguentavam mais pagavam pessoas e tinha senhora aqui que era lavadeira, lavava para as famílias, o ganha pão deles era esse (BATISTA, 2014).*

*Seu Antônio: Lá tinha a praça lá embaixo, onde a muiézada ia lavar roupa lá embaixo. Tanto que Bastião Venâncio entrou como prefeito... Eu tiro o chapéu pra tio Venâncio, porque ele tirou a muiézada do córrego. Ali descia aquele monte no beco indo lavar roupa lá embaixo, baciona de roupa na cabeça, outra ia pra praia limpa afora, praia da limeira, outra ia lá pro buracão... Aquela peleja danada! Aí ele entrou como prefeito, veio a Saneago, aí cada um pôs água em casa (TIÇÃO, 2014).*

Pouco antes das quatro horas da tarde as mulheres deveriam já estar em casa, pois após este horário era momento de os homens descerem pelo beco para tomar banho no rio, “com as toalhas jogadas nas costas”, como recorda Dona Necy. Já as mulheres tomavam banho mais cedo, durante ou após o término da lavagem das roupas, aproveitando para dar banho nas crianças. Dona Necy recorda dos poços de água que existiam neste rio, ideais para banhos recreativos, os quais atraíam principalmente os

mais jovens. Ela também conta que as mulheres se banhavam de roupa, o que podia ser um pouco incômodo, motivo pelo qual algumas delas levavam água para casa e lá terminavam o banho com privacidade. Sendo assim, existia um código de conduta relacionado aos banhos, distintos para homens e mulheres, bem como havia um rígido cronograma para o uso do rio: enquanto durante o dia se tratava de um território feminino, próximo ao escurecer se tornava eminentemente masculino.

No ato deste mesmo entardecer, portanto, o beco era ainda acessado por homens que se dedicavam à procura de ouro no âmbito do Rio Vermelho, conforme ocorria em tempos coloniais. Inclusive, acredita-se que o beco tenha sido construído por escravos, nos primeiros anos da antiga província de Pilar de Goiás, a mando daqueles que controlavam a atividade mineradora e por esse motivo se interessavam em melhorar o acesso ao rio. Mesmo nos oitocentos, com a crescente carência do ouro de aluvião, a busca por encontrar este mineral persistiu entre sujeitos pilarenses nas décadas subsequentes. Pode-se citar como exemplo o caso de um tio de Dona Antônia, que, de acordo com ela, permaneceu por muitos anos nesta atividade, tendo eventualmente encontrado o que procurava. Diante disso, determinadas pessoas atribuem às investidas em busca do ouro a culpa pela destruição de algumas das pedras tradicionalmente usadas pelas mulheres na lavagem de roupas na Praia do Jogo.

Por meio do Beco do Jogo era também possível alcançar algumas das principais propriedades rurais situadas no entorno de Pilar de Goiás. Em decorrência disso, havia o trânsito não apenas de pessoas, mas também de animais, sobretudo de cargas, tais como cavalos montados por seus donos, amarrados a carroças ou, em alguns casos, desacompanhados, tal como explica Seu Justiniano. De acordo com Seu Antônio, provinham das áreas rurais determinados alimentos destinados a serem comercializados na cidade e os carregamentos geralmente chegavam a ela por este mesmo beco. Sendo assim, o Beco do Jogo pode ser entendido como um importante agente de conexão entre os universos rural e urbano, mesmo que ambos não estivessem evidente e categoricamente separados no contexto de Pilar. Sabe-se que os próprios moradores da cidade criavam animais em seus quintais: era o caso do bisavô de Dona Antônia, que inclusive usava o beco para o trânsito do gado, como conta Seu Antônio:

*A casa do velho Totó é onde tinha um portão [que dava para o beco], aonde corria essas vacas dele, que ele tirava leite lá dentro do quintal. O beco era livre! De tarde as vacas dele chegavam, ele corria pra dentro. Cedo tirava o leite, soltava as vacas por aquele portão, né. Aquilo tudo era aberto lá pra baixo, mas o povo fechou tudo, acabou a ação do beco (TIÇÃO, 2014).*

Diante destes usos, torna-se possível constatar que este beco não pode ser do jogo de bola somente, se se pensar para além de sua nomenclatura em si. Trata-se do beco da doçura das frutas, do casual encontro entre amigos, da sombra acolhedora das árvores; o beco dos baldes de roupas à cabeça, do bater de seus tecidos nas pedras, do diário batente da mãe e da dona de casa; o beco do recatado banho das mulheres e do audacioso mergulho noturno dos homens; o beco da sanha ininterrupta causada pelo ouro, do infortúnio dos cativos em seu calço, do trânsito de homens montados em seus animais... Tudo isso aponta para os usos, mas também para os significados atribuídos a este território urbano no decorrer do tempo, de modo que, como a própria Rua da



Cadeia, o beco se revele como perpassado por sujeitos de grupos sociais distintos, além das experiências etárias e de gênero serem igualmente diversas. Sendo assim, também existe diversidade no modo como se descreve o beco:

*Dona Neco: O beco ia calçado de pedra até um pedaço, aí tinha os muros de pedra de um lado e do outro. Agora bem pra baixo o quintal era fechado com madeira, sabe, daquelas... Não tem uma cerca, que faz assim, cerca deitada assim? Uma cerca que é de madeira e era tudo de aroeira que eles faziam, roliça assim, eu lembro demais. Pra baixo tinha um portão, lá embaixo... Porque antigamente aqui os povo tudo tinha aqueles quintais grandes, né. Aí pra baixo tinha um portão que separava... Naquele beco! [...] Então o beco ele era tudo de pedra, até um pedaço, até onde eu tô falando que tinha esse portão. E aí daí pra lá era terra, né [...] Ele era limpinho naquela época. Sempre que chovia e o mato crescia, os moradores mesmos é que limpava, nos anos 48, 49, 50 [...]. Deve ter lá até hoje esse muro de pedra, né. Mesmo que ele não tiver lá bem feito, mas tem ele... Tá tudo caído. Porque fica os sinais, vestígio, quando tem o muro de pedra [...] Agora lá embaixo eu não sei se era fechado de muro, a lembrança vai acabando, né [...]. Saía lá na praia, saía lá onde hoje é o laticínio, que ali não tinha aquelas casinhas ali não. Ali era tudo era pasto (BATISTA, 2014).*

*Seu Antônio: Ele tinha um muro do lado de vocês [se referindo à Casa de Enxaimel] e tinha um muro do lado do Velho Sevino [a casa a direita]. Só o beco. Agora do lado de vocês o muro acabou, não é? [...] O beco era livre! [...] O muro foi concertado, mas ele é antigo [...]. Ali cabia até carro de boi, passava, descia [...]. Limpo, limpo... Era limpo! Quando passava a enxurrada você via ele limpo, tinha sujeira não (TIÇÃO, 2014).*

*Dona Antônia: Esse beco aqui era lixão, era onde todo mundo jogava lixo, ia até lá no rio. E era uma estrada também, porque aqui não tinha essa rua, tinha uma estrada lá do povo da fazenda que passava por lá. Aí quando o Nego comprou o lote da prefeitura, comprou o beco também, o lote da casa [...] Aí fez o muro, mas... Aí acabou, né, de ser lixão. Aí nós tomou conta, acabou o lixão lá no beco [...]. Tinha um muro, da quina da parede da casona e ia até lá embaixo, até ali naquela virada. Não tem uma virada lá? Pois é! Ia até ali, até lá no rio. E tinha um muro lá do lado da casa da Eva [a vizinha do lado direito]. Aí quando nós comprou o muro já estava todo caído, aí eu desmanchei o resto do muro [...]. Ficou aberto, né, misturou o beco com o quintal [...]. Se for cavoucar ali da quina, de onde eles fizeram um cômodo, até lá embaixo tem pedra, porque era muro [...]. Lá tinha uma água, assim, que passava no beco, assim, por cima das pedras. A água vinha lá de cima, lá do chafariz de cima, descia a rua. E era uma lama, que só se vendo! Aí quando fizeram o meio fio, aí parou, né, aí acabou também, encanou a água, né (SOUSA, 2014).*

Mediante os relatos, percebe-se que o beco possuía calçamento de pedra até certo ponto e depois prosseguia com o solo a vista. Nota-se, ainda, que apresentava muros de pedra em ambos os lados, cuja extensão não se sabe ao certo qual era, muito embora seja consenso de que o beco terminava já muito próximo ao rio. Para alguns consistia em um lugar sujo e descuidado, onde muita lama se acumulava em dias de chuva. Para outros, ao contrário, era um lugar limpo, cuidado pela própria comunidade em torno. Em 1981, o marido de Dona Antônia compra parte do beco, sem com isso impedir a passagem. Mas, com o passar dos anos, partes dos muros tombaram, o calçamento se desgastou, restando apenas alguns sinais de ambos. Nesse ínterim, parte das áreas pelas quais o beco passava acabou sendo incluída no comércio de lotes, o que, mais tarde, permitiu a construção de casas exatamente em cima de seu percurso,

cessando permanentemente o trânsito pelo beco. Sendo assim, o Beco do Jogo nasceu como um beco de onde se podia sair e acabou se tornando um beco sem saída.



Figura 5: Vista aérea de parte da cidade, com destaque para o Beco do Jogo



Figura 6: Seu João no Beco do Jogo, 1986

Fonte: arquivo pessoal de Dona Antônia



Figura7: Dona Antônia no Beco do Jogo, 1986

Fonte: Arquivo pessoal de Dona Antônia

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os moradores tenham sido impedidos de transitarem por este beco por bastante tempo, isso não diminui a importância que o mesmo assumiu historicamente no âmbito do cotidiano pilarense. Para além do beco, a casa e a rua também se delineiam como lugares em que processos identitários, sociais e espaciais se desencadeiam. Deste modo, a presente narrativa se pautou em uma “tríade de lugares”, que se apresenta como essencial para que se possa, em termos mais abrangentes, entender a história de Pilar de Goiás: casa-beco-rua (Casa de Enxaimel - Beco do Jogo - Rua da Cadeia). Sendo assim, por meio dos relatos dos sujeitos pilarenses, se buscou lançar um olhar microscópico sobre estes lugares, com a meta de enxergar o que se encontrava a princípio pouco perceptível: a dinâmica de um pequeno beco, o cotidiano de uma única rua, a história de uma só casa. Esta tríade se impõe, portanto, como parte importante do patrimônio histórico e cultural da cidade de Pilar e do Estado de Goiás, motivo pelo qual deve estar sempre presente na pauta de prioridades dos agentes responsáveis pelas questões patrimoniais.

## PILAR DE GOIÁS, ITS STREETS AND ITS ALLEYS

*Abstract: this oral history work aimed to present the dynamics and the daily lives of people who lived in Enxaimel house in the city of Pilar de Goiás. The objective was to correlate the Enxaimel House history and the Alleyway of the Games was made, having as source the*

*accounts of residents who live in Pilar de Goiás. This research is part of a Project related to IPHAN-GO called Monitoramento e Salvamento Arqueológico da Restauração e Requalificação da Casa Enxaimel de Pilar de Goiás.*

Keywords: *Restoration. Patrimony. Enxaimel House.*

#### Notas

- 1 É importante ressaltar que o levantamento de documentos escritos no contexto de Pilar de Goiás consiste em uma árdua tarefa. Ninguém sabe explicar o paradeiro das fontes produzidas pela Igreja Católica na cidade, como registros de batismo, casamentos e mortes. Em relação à documentação de registro de imóveis, apenas os mais atuais se encontram em um dos cartórios da cidade e existe a informação de que o restante foi levado para a cidade de Itapaci. O que se encontra no Cartório de Registro Civil está em péssimas condições de conservação e armazenamento, o que dificulta enormemente a pesquisa.
- 2 Foram entrevistados(as): Antônia de Jesus Batista Sousa, 77 anos; Antônio Gomes Tição, 81 anos; Hilda Correia dos Santos, 79 anos; Justiniano Ferreira de Azevedo, 65 anos; Neco Santana Batista, 76 anos.
- 3 Com o passar do tempo, este sobrenome deixou de ser cunhado com dois esses para ser escrito com cedilha.
- 4 Cartório de Registro Civil, Praça das Mães, Pilar de Goiás /Go.

#### Referências

AZEVEDO, J. F. de. *Justiniano Ferreira de Azevedo*: depoimento [set. 2014]. Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa. 1 arquivo de áudio. Entrevista concedida ao Projeto de monitoramento e salvamento arqueológico da restauração e requalificação da casa de Enxaimel, Pilar de Goiás/Go.

BANDEIRA, M. *Crônicas da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

BATISTA, N. S. *Neco Santana Batista*: depoimento [set. 2014]. Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa. 1 arquivo de áudio. Entrevista concedida ao Projeto de monitoramento e salvamento arqueológico da restauração e requalificação da casa de Enxaimel, Pilar de Goiás/Go.

BORBA, F. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

CORALINA, C. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global, 2006.

DANTAS, C. L.; OLIVEIRA, F. Fonseca C. de. *Projeto de Monitoramento e Salvamento Arqueológico da Restauração e Requalificação da Casa Enxaimel, Pilar de Goiás/GO*, Goiânia, 2014.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, Casa de Enxaimel em Pilar de Goiás será restaurada pelo IPHAN. In: Portal do IPHAN,

2013.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana. Disponível em: <http://www.arvore.net.br/Paulistana/index.htm>, 2003.

LIMA, N. C. *Narrativas orais e alegorias: uma poética da vida social*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

MATTOS, R. da C. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*, 1836.

PESAVENTO, S. J. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro. *Revista Brasileira de História*. Vol. 19, n. 07, São Paulo, 1999.

PORTELLI, A. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Revista Projeto História*, São Paulo, 1997.

SOUZA, A. N. de. Bem distante do panóptico: a Cadeia Pública de Mariana na primeira metade do século XIX. *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-Rio: memória e patrimônio*, Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, H. M. P. de. O conforto ambiental na arquitetura colonial brasileira: heranças muçulmanas. *Architecton - Revista de Arquitetura e Urbanismo*, Recife, Vol. 02, n. 02, 2012.

SOUZA, A. de J. B. *Antônia de Jesus Batista Sousa*: depoimento [set. 2014]. Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa. 1 arquivo de áudio. Entrevista concedida ao Projeto de monitoramento e salvamento arqueológico da restauração e requalificação da casa de Enxaimel, Pilar de Goiás/Go.

TIÇÃO, A. G. *Antônio Gomes Tição*: depoimento [set. 2014]. Entrevistadora: Clarissa Adjuto Ulhoa. 1 arquivo de áudio. Entrevista concedida ao Projeto de monitoramento e salvamento arqueológico da restauração e requalificação da casa de Enxaimel, Pilar de Goiás/Go.

VIEIRA JUNIOR, W.; BARBO, L. de C. Casa de Câmara e Cadeia da Capitania de Goyaz: espaço e representação. *Anais do IV Simpósio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica*, Porto, 2011.

ZANNETTINI, P. E. *Diagnóstico Arqueológico Interventivo do Núcleo Histórico Tombado de Pilar de Goiás, Estado de Goiás*. São Paulo. Levantamento Histórico (Relatório 1), 2014.



